

num cabeço coberto de mato e pinhal onde se avista a Serra de Sintra, encontraram um pobre mendigo sentado num penedo à beira do caminho.

— Então, homem, aqui ao relento logo pela manhã?

— É o que Deus quer...

— Ó senhor! Deus quer lá uma coisa destas!... Então de onde veio? De Fontanelas? Não acredito que não lhe tenham dado abrigo por lá...

— Venho de todo o lado e de lado nenhum...

Aqui, as mulheres enxofraram-se. Chisparam um olhar escuro contra o mendigo, esticaram os peitos fartos para ele, e já com uns calores a subirem ao rosto, atacaram:

— Oiça lá, ó seu pé rapado, você está a desconversar connosco?

— Longe de mim, senhoras! O que digo é que isto é coisa do Destino.

— Hã! Bom... sendo assim...

— E quis Deus, também, que eu encontrasse vossas mercês, que são almas caridosas capazes de dar, por certo, uma esmola a um pobre...

Uma delas desatou o saco da merenda e, tirando um bocado de pão e um naco de chouriço, ofereceu-o ao mendigo.

— Tome lá, que vossa mercê tem cara de quem ainda não matou o bicho!

— Que Deus vos pague. E pagará com certeza, que Ele ajuda sempre os caridosos.

— Bem falta nos fazia a ajuda Dele!...

— Então?

— É o gado, que morre a torto e a direito... uma miséria!

Deixaram o mendigo a comer à beira do caminho e lá seguiram ao seu destino, tão duro e amargo quanto o dele.

Naquele mesmo dia, quando regressavam a Janas já na penumbra do sol posto, ao passar pelo sítio onde tinham encontrado o pedinte, acharam, em lugar dele, uma pequena imagem de um santo. Surpreendidas, e sem saberem que santo era aquele, levaram a imagem para a aldeia e contaram o sucedido. Facilmente o povo ligou a aparição com o mendigo, ou Jesus na pele dele, como alguns afirmavam.

A notícia correu célere e depressa chegou aos ouvidos do pároco, que depressa identificou o santo como sendo São Mamede, padroeiro e protector dos animais. Preocupado com a moral das gentes, o padre viu ali, no surgimento daquela imagem, um bom motivo para empolgar a fé dos paroquianos. E, então, propôs que se levantasse uma capela no local onde se tinha dado o milagre.

O entusiasmo foi grande, não só em Janas mas, igualmente, nas terras vizinhas. Depressa se juntou alguns donativos em dinheiro, poucos esses, porque a maioria apenas podia pagar em géneros. Assim, havia gente que se disponibilizava para trabalhar na obra, outros davam a pedra, a areia, as madeiras. Reunidas as condições para iniciar os trabalhos, acordou-se que eles seriam conduzidos por um experiente mestre de obras lá da terra, chamado Afonso Dias, homem respeitado por todos, sobejamente conhecido na arte de construir, e que oferecia garantias de sucesso na empreitada.

No dia combinado, reuniu-se o povo para desbravar o cabeço onde seria edificada a capela. E o entusiasmo foi tal que ainda não tinha chegado o meio-dia, já a área estava limpa. Afonso Dias tratou logo de marcar os caboucos e, depois da janta – que nesta região se dá por volta da uma hora da tarde – os homens, armados de pás e enxadas, começaram a escavar as fundações. A capela teria a orientação normal, segundo os moldes canónicos, com o altar a Oriente, porque é de lá que vem a Luz, e a entrada a Ocidente. Singela, porque os cabedais eram poucos, tomaria a forma rectangular, embora Afonso Dias guardasse o desejo de adoçar dois altares laterais que lhe daria a configuração de uma cruz.

E dos braços fortes daqueles homens rudes, alentados pela fé, resultou que ao pôr-do-sol os caboucos da futura ermida estavam abertos até à profundidade de doze palmos. No fim da jornada, o povo olhava embevecido para aquele rectângulo escavado no chão e imaginava já a obra a crescer.

Afonso Dias foi o último a abandonar o sítio. Ficou ali até ao lusco-fusco, a desenhar paredes e colunas, portas e capitéis na sua cabeça. E só depois, quando todos já haviam rumado às suas casas, Afonso partiu em busca da ceia e do repouso merecido.

De tão cansado que estava, deitou-se mal acabou de comer. Mas o sono, em vez de reparador, veio-lhe aos tropeções. E toda a noite sonhou o mesmo sonho. Era uma vaca que andava às voltas sem parar, como se estivesse a puxar uma nora ou a debulhar trigo. E depois juntavam-se à vaca outros animais, todos eles às voltas, rodando continuamente em círculo, num corripio estonteante que fez com que Afonso caísse duas vezes da cama.

Madrugou cansado daquela noite inquieta. Matou o bicho com duas colheres de sopa e um cálice de aguardente. Aparelhou o burro à carroça e carregou as ferramentas. E ainda mal despontava o dia, já ele chegava ao local da obra.

Afonso atou o burro a um velho pinheiro manso e desatrelou a carroça. Pegou numa enxada e abeirou-se das fundações abertas de véspera. E o que viu deixou-o perplexo. Alguém tinha soterrado os quatro cantos dos caboucos durante a noite. Apoiado no cabo

da enxada, atónito com tudo aquilo, ficou ali a pensar quem poderia cometer tal malvadez.

Entretanto, foi chegando povo. E, à medida que se aproximavam, largavam exclamações de surpresa e de repúdio. Tanto trabalho, tanto empenho, e agora era quase como começar de novo.

— Isto é obra do Diabo – apontava um.

— Só pode ser... só pode ser... – contemporizava outro.

— Bom, seja quem for não vai conseguir travar a obra. Vamos lá ao trabalho! – ordenou Afonso Dias.

Mas o dia não rendeu, ou porque o desânimo refreou os ímpetos ou porque refazer um trabalho já efectuado é mais penoso, para além de se reconstruir os cantos às fundações pouco mais se adiantou.

Nessa noite, o mesmo sonho voltou a importunar Afonso Dias. Outra vez a vaca, caminhando em círculos, e depois todos os outros animais, seguindo-a naquela roda viva. E, para espanto de todos, na madrugada seguinte depararam com os cantos dos caboucos igualmente enterrados. Mais uma vez os reconstruíram e, de novo, eles apareceram tapados.

À terceira noite, Afonso voltou a ter o mesmo sonho. Mas, desta feita, a vaca andava em volta de uma construção circular. Vieram os outros animais e seguiram o mesmo ritual. E já no despertar do sonho, o mestre de obras conseguiu vislumbrar, ainda, uma cruz de pedra no alto daquele estranho edifício.

Naquela manhã, levantou-se mais tarde. Quando chegou à obra, já o povo, agora em menor número, suspirava desalentado a olhar para os cantos acravados de terra e pedras. Contudo, Afonso Dias trazia um sorriso estampado no rosto. Estranhando aquela boa disposição do mestre, alguns deles até aventavam a hipótese de que não estaria no seu perfeito juízo. Mas Afonso mandou-os reunir e contou-lhes o sonho que o andava a perseguir há três noites.

— E eu acho que encontrei a solução para a nossa capela! Vamos construí-la em forma redonda, como se fazem os poços ou algumas torres.

Meio descrentes com a ideia, lá foram os aldeões abrindo novos caboucos, agora dando uma forma circular ao edifício. A surpresa veio no dia seguinte. Quando chegaram, esperando encontrar tudo tapado, descobriram que o trabalho efectuado na véspera estava intacto. E, com ânimo redobrado, lançaram-se à empreitada que decorreu até ao fim sem outro sobressalto.

A inauguração deu-se a 17 de Agosto, que é dia consagrado a São Mamede pelo calendário cristão. Toda a semana o povo enfeitou a capela e o largo fronteiro, com urze e bucho entrançado, flores de todo o tipo, e organizou-se um simples, mas recheado, programa de festas.

Na manhã do dia tão desejado, deu-se outro fenómeno – isto para não lhe chamar milagre. Quando as pessoas chegaram ao largo da festa, encontraram dezenas de animais andando às voltas em torno da capela. E outros continuavam a chegar, vindos dos campos. Alguns deles, visivelmente doentes, davam três voltas ao santuário e partiam perfeitamente curados.

Afonso Dias, que presenciava tudo aquilo, reconheceu, à frente de toda aquela procissão de gado, a sua vaca. A vaca dos seus sonhos.

## **POR BEM**

O Paço de Sintra brilhava em todo o seu esplendor naquela tarde de Verão. As obras que D. João, o de Boa Memória, mandara executar, deram-lhe um semblante imponente, uma nobreza proporcional à majestade do rei. Eram as salas ricamente decoradas, as cantarias lavradas pelos hábeis canteiros de Pêro Pinheiro e Montelavar, os arcos em ogiva, muito ao sabor da moda. Mas, sobretudo, aquelas duas chaminés colossais a apontarem aos céus.

Andava, pois, a corte toda a usufruir do palácio novo e da frescura de Sintra, embora ainda em algumas partes dele se vissem os cavaletes e andaimes, o desalinho das bancadas dos carpinteiros, o martelar ritmado dos obreiros e artífices que ultimavam os trabalhos. Mas como a maior parte já se encontrava habitável, a corte instalara-se de bom grado nesta vila mui prezada, refrigerio agradável para os ares ardidos de Lisboa.

A rainha D. Filipa de Lencastre andava embevecida com as obras. Cada vez mais afeiçoada à terra, fora ela quem pressionara o seu real esposo para que alargasse os Paços e os tornasse num lugar acolhedor e simpático.

D. João, o primeiro deste nome, distribuía-se pelos afazeres da governação e as magníficas caçadas no alto da serra ou nos pinhais das marinhas.

O certo é que a vila de Sintra tomava, com a estadia da Corte, uma azafama pouco comum em outras épocas. Eram os fidalgos e pagens desfilando nas suas montadas, saltimbancos e jograis animando as ruas, saloios e saloias a venderem os seus legumes e frutas no centro da Praça.

Só à conta da Casa da Rainha, tinham vindo cento e trinta e sete aias, na sua maioria moças fidalgas em idade casadoura. Contudo, entre todas elas, uma havia que se destacava pela sua graça e beleza. Chamava-se D. Leonor Coutinho e era dona de uns maravilhosos olhos negros que pareciam iluminar por dentro, de um corpo perfeito e maneios sensuais, de um sorriso atraente saído de uns lábios carnudos e bem desenhados que pediam beijos. Cobiçada por todos os moços da Corte, já tinha levado à loucura alguns deles. Foi o caso, muito noticiado, do camareiro d'El-Rei, D. Fernão Afonso.

Ora, acontecia que a beleza desta aia da Rainha não passava despercebida ao Rei D. João I, homem galante por natureza. Certo dia, à hora da sesta, o monarca deu com ela numa sala de passagem a caminho da Sala dos Infantes. E ela, atirando-lhe um olhar maroto, fez-lhe uma vénia. O rei estacou. Mirou-a de alto a baixo e aproximou-se. Sentiu-lhe o perfume e o calor do rosto, cuja pele branca de leite estava agora levemente rosada. E El-Rei não resistiu. Cego de paixão e desejo, beijou-a com fervor.

Mas a Providência, que não dorme e não se compadece com infidelidades, entrou de rompante na sala e surpreendeu os amantes. Era a rainha D. Filipa de Lencastre, vinda da Sala da Galé, ou das Sereias, montada naquele porte britânico, de rosto austero e inquisidor.

A aia recolheu-se a um canto, de olhos no chão e cheia de vénias. D. João, pasmado com a aparição da mulher, empalideceu. E como a rainha parecia esperar uma resposta, uma desculpa, ou uma explicação para aquele beijo, o Rei tratou de esgravatar o cérebro à procura de uma frase, uma palavra, sequer uma sílaba. Por fim, lá sussurrou:

— Foi... por bem!...

A rainha, que não se dava a discussões e era pessoa de poucas falas, pelo menos aparentemente aceitou a resposta e seguiu em frente. D. João ainda balbuciou:

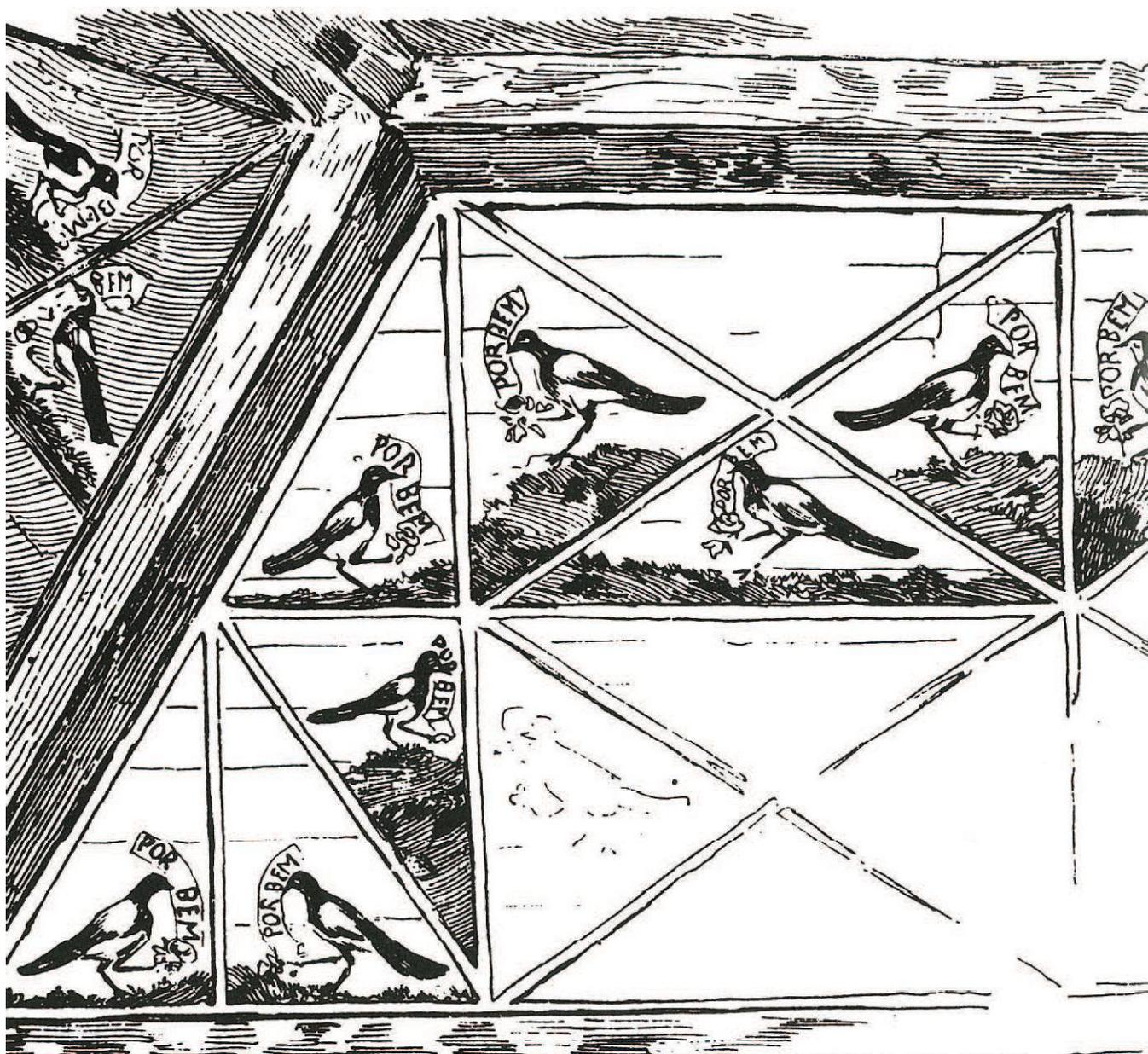
— Ela estava triste... foi para a acalmar... foi por bem...

Ora, aconteceu que, apesar da rainha ter aceitado as desculpas do Rei, quem não ficaram muito satisfeitas foram as outras cento e trinta e seis aias. Talvez porque, também elas, desejassem secretamente obter um beijo real. E então, estalou o falatório na Corte.

A coscuvilhice era tamanha que já os factos tinham sido deturpados. El-Rei já não dera só um beijo na vistosa dama. Havia quem afiançasse que a Rainha os apanhara deitados na alcova.

Foi aí que D. João se irritou. Então a Rainha, sua mulher, aceitara que o seu beijo tinha sido «por bem», e aquelas galhas palradeiras que eram as suas aias insinuavam outras malícias? Havia que travar a má língua de forma exemplar.

E foi assim que El-Rei D. João I mandou pintar no tecto daquela sala cento e trinta e seis pégas, aqueles pássaros barulhentos cujo grasnar fere os ouvidos, afinal tantas quantas as aias calhandreiras da Rainha. E a todas elas o Rei obrigou a dizer «Por Bem», para que jamais duvidassem da palavra do soberano.



## **OS CISNES DA SAUDADE**

Para bem de Portugal, quis Deus que fosse aclamado primeiro rei da segunda dinastia D. João, Mestre de Aviz. Mas nesta obra de consolidar a independência do reino, Deus não se ficou por aqui. Casou este valente cavaleiro, que saíra vitorioso da crise de 1383 – 1385, com uma bela princesa de Inglaterra chamada Filipa de Lencastre. Por altura do casamento, assinou-se o mais antigo Tratado entre os dois países. Foi em Windsor, no ano de 1387.

Contudo, o que mais importou para o país não foram conquistas nem tratados. É que deste casamento entre D. João I e D. Filipa nasceu a prol mais ilustre e iluminada da História de Portugal. A saber, o príncipe herdeiro da coroa D. Duarte; D. Pedro o «das sete partidas», por ser muito viajado e homem de grande conhecimento científico; D. Henrique «o Navegador», o principal responsável pelos Descobrimientos portugueses; D. João, que morreu novo; D. Fernando «o Infante Santo», mártir que faleceu cativo dos mouros no Norte de África; e, por fim, D. Isabel de Portugal, a única filha do casal e que viria a ser uma das figuras mais destacadas da Europa de então.

Naqueles tempos, era hábito casarem as princesas muito novas. Geralmente, eram enlances por conveniência política ou económica, onde os principais intervenientes nem sequer tinham uma palavra a dizer. Mas com D. Isabel foi diferente. Embora bastante formosa, a infanta apenas veio a casar aos vinte e sete anos, com Filipe «o Bom» da Borgonha. Isto é o que o povo diz, que tem a mania que tudo sabe, porque, ao que parece, ela até casou mais tarde, já na calha dos trinta e picos.

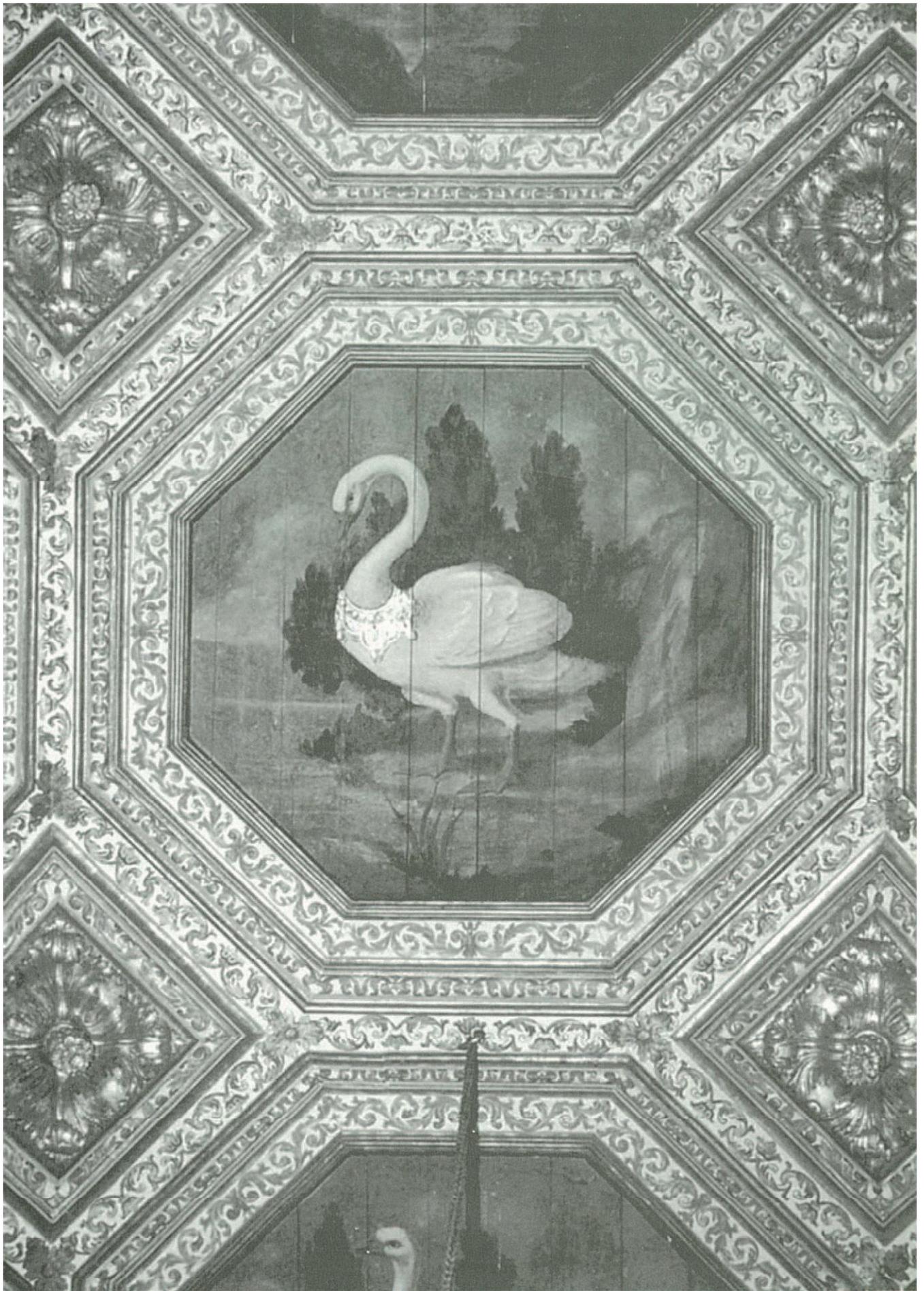
O certo é que o primeiro acto deste matrimónio se deu em Sintra, onde chegou, em 1428, uma embaixada vinda de Bruges para tratar do casamento por procuração e levar a noiva, a fim de se consumar o acto na capital da Borgonha. Ora, integrado nesta comitiva vinha o famoso pintor Ian Van Eyck, incumbido de uma missão específica, pintar o retrato da infanta e, entre as muitas e brilhantes ofertas que o noivo enviara à sua futura esposa, estavam dois cisnes brancos, ave bastante rara em Portugal, com gargantilhas de ouro ao pescoço.

Aquela prenda foi a que mais comoveu a princesa. E D. João I, que tinha pela filha uma estima muito grande, mandou logo que se construísse um tanque no Pátio dos Banhos, paralelo à então Sala dos Infantes, para colocar os cisnes. Pediu, também, ao célebre pintor que esboçasse alguns desenhos das famosas aves.

Deram-se as cerimónias oficiais, houve danças e folguedos que se prolongaram por vários dias. E, enfim, a princesa D. Isabel lá partiu para Bruges, a juntar-se ao seu marido.

D. João passou os dias seguintes deambulando pelo Paço, de rosto encolhido, cheio de saudades da sua única filha que ele tanto amava. E essas saudades ainda apertavam mais cada vez que o soberano encarava com os cisnes, nadando, melancolicamente, nas águas serenas e límpidas do Tanque.

Certo dia, estava ele a remexer em velhos papéis que tinha guardado num armário, quando deparou com uma pasta de couro. Desatou os finos atilhos, a ver o que tinha dentro, e descobriu os esboços dos cisnes que Van Eyck havia feito. Então, assaltou-o uma ideia genial, digna do seu amor pela filha. E, aos gritos, foi chamando o Camareiro, os príncipes, toda a gente. El-Rei decidira e estava decidido. Mandaria pintar no tecto da grande Sala dos Infantes vinte e sete cisnes. Tantos quantos os anos da sua amada filha.





## Ordenação heráldica do brasão e bandeira

### Armas

Escudo de ouro, duas camélias de vermelho, folhadas de verde, alinhadas em faixa, entre capa de azul rasgada e aberta, em chefe e um monte de três cômoros de verde movente da ponta. Coroa mural de prata de três torres. Listel branco, com a legenda a negro: " SINTRA – S. MARTINHO".

### Simbologia

As camélias – São uma referência aos parques, jardins e quintas que caracterizam a vila de Sintra pela exuberante vegetação e que mereceram da parte da UNESCO a classificação de Património Mundial – Paisagem Cultural da Humanidade, sendo as camélias, uma das flores mais abundantes em toda a vila.

A capa (clâmide) rasgada – Representa o orago da freguesia, São Martinho assim como o nome da freguesia.

O monte de três cômoros de verde – Referência à Serra de Sintra que abriga e envolve a freguesia de Sintra (São Martinho), assim como a vila de Sintra e onde se encontra grande parte do património natural de Sintra.



### Bandeira

De azul, cordões e borlas de ouro e azul. Haste e lança de ouro.